



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS  
TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

**ELISÂNGELA GONÇALVES PEREIRA**

**AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO ORGÂNICA NO  
TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO**

Cruz das Almas - BA

2015

**Elisângela Gonçalves Pereira**

**AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO ORGÂNICA NO  
TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Colegiado de Graduação de Tecnologia em Agroecologia do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Orientadora Ana Georgina Peixoto Rocha

Cruz das Almas - BA

**ELISÂNGELA GONÇALVES PEREIRA**

**AGRICULTURA FAMILIAR E PRODUÇÃO ORGÂNICA NO  
TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO**

Monografia defendida e aprovada pela banca examinadora

Aprovado em 08 / 05 / 2015

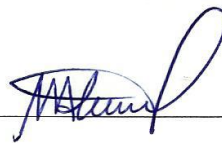
Orientadora:



---


Prof (a) Dr. Ana Georgina Peixoto Rocha  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Examinadores:



---

Prof. Aelson Silva de Almeida  
Universidade Federal do Reconcavo da Bahia - UFRB



---

Prof (a) Dr. Maria Lúcia da Silva Sodré  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

A Deus,  
Aos meus pais Antonia e Antônio,  
e ao meu esposo Lázaro  
pelo amor.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida e por todas as bênçãos que tem me concedido.

Aos meus pais pelos ensinamentos, pelo valor a família e por torcerem pela minha vitória.

Aos meus irmãos Anatanael, Anatalia, Ana Paula, Alexsandro e Ana Lucia por serem tão presentes e por todo carinho.

Ao meu esposo pelo incentivo, pela compreensão das ausências.

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em especial aos professores do curso de tecnólogo em agroecologia por todo conhecimento transmitido.

A professora Ana Georgina Peixoto Rocha pela orientação na construção do trabalho, mas principalmente por todo conhecimento transmitido com paciência e amor.

Aos colegas da turma 2011.2 de agroecologia em especial Altemar, Lívia Luana, Cheila, Maria, Gilca pelos momentos de convivência e estudos.

Aos amados amigos que construir durante esta caminhada Jaqueline e Djalma pelos momentos de descontração pela parceria nos trabalhos acadêmicos, irei sentir muita saudades.

Por fim agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para construção deste trabalho.

Ao homem que o agrada, Deus dá sabedoria,  
conhecimento e felicidade.

Eclesiastes: 2:26

## **RESUMO**

Diante da necessidade da produção de alimentos de maneira sustentável, a agricultura orgânica se destaca como importante segmento para viabilizar esta produção proporcionando maior renda e autonomia para os agricultores familiares. Neste contexto objetivou-se neste estudo analisar a agricultura familiar com produção orgânica no Território do Recôncavo, estado da Bahia, buscando entender as configurações estabelecidas pelos agricultores nos processos de produção e consumo. Este estudo foi desenvolvido baseado em dados primários e secundários privilegiando um enfoque de pesquisa qualitativa. O universo empírico da pesquisa foi o Território do Recôncavo, unidade de planejamento do estado da Bahia. A produção orgânica é vista como um nicho de mercado para a agricultura familiar, porém observa-se que diversos são os gargalos inerentes à inserção da produção familiar neste segmento, principalmente com relação à comercialização. Para os produtores familiares do Território do Recôncavo, a comercialização é considerada uma das grandes dificuldades para inclusão da agricultura familiar no âmbito da agricultura orgânica na Bahia. A falta de certificação também foi observada como um dos limitantes para o fortalecimento da agricultura orgânica no Território do Recôncavo. Muitos dos agricultores familiares do Território do Recôncavo se consideram produtor orgânico, pelo fato de não utilizarem defensivos e adubos químicos, e utilizarem esterco animal e compostagem na adubação das lavouras. A pesquisa realizada aponta uma tendência dos agricultores para a produção orgânica. Há necessidade de melhorar a interação e a estrutura das cadeias produtivas e desenvolver formas adequadas para os agricultores familiares permitindo a melhoria da produção e comercialização.

Palavras-Chaves: Produção Familiar. Mercado Orgânico. Território de Identidade do Recôncavo.

## **ABSTRACT**

Given the need for food production sustainably, organic agriculture stands as an important segment to enable production in harmony the environment providing greater autonomy and income for family farmers. In this context the aim of this study analyze the family farm with organic production in the Territory of the Reconcavo, state of Bahia, seeking to understand the settings established by farmers in production and consumption processes This study was developed based on primary and secondary data favoring a qualitative research approach. The empirical research universe was the territory of the Reconcavo, Bahia state planning unit. Organic production is seen as a niche market for family farms, however it is observed that the bottlenecks are many inherent to the insertion of family farming in this segment, particularly with respect to marketing. For family farmers of the Reconcavo Territory, marketing is considered one of the great difficulties for inclusion of family farming in the context of organic agriculture in Bahia. The lack of certification was also observed as a limiting to strengthen of organic agriculture in the Reconcavo Territory. Many of the farmers of the Reconcavo Territory consider organic producer, because they do not use pesticides and chemical fertilizers, and using animal manure and compost to fertilize crops. The research points a tendency of farmers to organic production. There is need to improve the interaction and the structure of supply chains and develop appropriate forms for family farmers allowing the improvement of production and marketing.

Keywords: Family Production. Organic Market. Territory Reconcavo identity.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Mapa do Território de Identidade Recôncavo da Bahia. ....	25.
--	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGROVIDA	Movimento de Apoio a Agricultura Familiar e a Agroecologia
APORBA	Associação dos Produtores Orgânicos do Recôncavo Baiano
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CCAAB	Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas
CESOL	Centro Público de Economia Solidária
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COOAFATRE	Cooperativa da Agricultura Familiar do Território do Recôncavo da Bahia
EBDA	Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAPESB	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia
IBD	Instituto Biodinâmico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
OCS	Organização de Controle Social
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PLANAPO	Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
SAF	Sistema Agroflorestal
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	15
2.1. OBJETIVO GERAL .....	15
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	15
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	23
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	27
<b>6. CONCLUSÕES</b> .....	36
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	37
<b>ANEXOS</b> .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

A produção orgânica está em grande expansão em todo o território nacional, incentivada pela demanda da sociedade por produtos mais saudáveis e que promovam a conservação e a recuperação dos ecossistemas. A literatura informa que a área total de produção orgânica no Brasil já chega a quase 750 mil hectares (MAPA, 2015). Tal aumento provoca mudanças significativas na produção, comercialização e consumo de alimentos. Neste contexto, observa-se que este modelo de produção pode ser entendido como um nicho de mercado para a agricultura familiar.

Considera-se que a agricultura familiar adota, em geral, práticas de manejo e uso de insumos com recursos locais que respeitam os princípios do desenvolvimento sustentável. Os insumos por sua vez levam maior tempo para estar em condições de uso ou até mesmo realizar o efeito desejado, quando comparado a insumos artificiais, por isso a agricultura familiar se aproxima da produção orgânica que é marcada pela não utilização de fertilizantes e defensivos químicos para controle de pragas e doenças, além de produtos indutores de crescimento. Terrazan e Valarine (2009) colaboram com esta afirmação ao considerarem que a produção orgânica exige um nível de complexidade que se adapta melhor aos pequenos agricultores familiares, que é quem melhor pratica a produção orgânica.

Diante das mudanças no cenário agrícola, à produção orgânica é vista como um nicho de mercado, em particular uma alternativa de renda para os agricultores familiares. Contudo, observa-se que existem muitas dificuldades por parte da agricultura familiar para inserção no mercado da produção orgânica no Brasil. Dessa forma, os agricultores familiares necessitam de estratégias e alternativas para ingressar neste mercado tendo em vista que existe a possibilidade de agregação de valor dos seus produtos, com maiores ganhos financeiros, contribuindo para a manutenção desse segmento. Estudos têm mostrado que nos últimos anos as práticas orgânicas vêm se expandindo em um ritmo acelerado em diferentes estados do país, incluindo a Bahia, onde se observa um crescente interesse pela agricultura orgânica (OLALDE; DIAS, 2004; ARAGÃO, 2006).

O Território do Recôncavo, historicamente de grande importância socioeconômica e cultural no estado da Bahia, possui agricultores familiares com produção que se aproximam de um sistema de produção orgânica. Todavia não há informações estatísticas públicas ou privadas da produção e comercialização orgânica no estado da Bahia.

Diante disso, constatou-se a demanda por pesquisas voltadas a analisar a agricultura familiar com produção orgânica no Território do Recôncavo, estado da Bahia, buscando identificar grupos de agricultores (formais ou informais) com produção orgânica no Território, conhecendo seus produtos, insumos utilizados e espaços de comercialização, dificuldades e/ou necessidades existentes na sua produção/comercialização.

Portanto a produção de conhecimento na área da produção orgânica é de fundamental importância para identificar parcerias existentes para o fortalecimento deste segmento no âmbito da agricultura familiar bem como para formação e atuação de profissionais especialmente da agroecologia.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1.OBJETIVO GERAL**

Analisar a produção orgânica da agricultura familiar no Território do Recôncavo, estado da Bahia, buscando entender as configurações estabelecidas pelos agricultores nos processos de produção e comercialização.

### **2.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar grupos de agricultores (formais ou informais) do Território do Recôncavo com produção orgânica, conhecendo seus produtos, insumos utilizados e espaços de comercialização;
- Identificar os principais aspectos de comercialização, analisando a interação existente entre os agricultores familiares com produção orgânica no Território.
- Identificar as organizações e produtores com tendência à produção orgânica identificando as principais dificuldades.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

O Brasil apresenta-se como o maior potencial de produção orgânica do mundo, com 90 milhões de hectares agricultáveis, sem contar a quantidade de áreas que migram da agricultura convencional para a orgânica. No ano de 2012, o país possuía uma área de plantação destinada para orgânicos de 705 mil hectares ficando entre os dez maiores produtores em área ocupada pela agricultura orgânica do mundo (PLANETA ORGÂNICOS 2012).

A produção de orgânicos no Brasil vem crescendo de forma consistente, sendo perceptível que cada vez mais setores da população aprovam a ideia de consumirem um alimento saudável e que também não prejudique o meio ambiente. Essa demanda de uma sociedade que se preocupa com os recursos naturais e em produzir com sustentabilidade impulsiona também o crescimento do mercado de produtos orgânicos, que está em significativa expansão. O alimento orgânico tem, no seu processo de produção, o cuidado com a não utilização de agentes que agriam o homem e o meio ambiente, portanto, a qualidade desse produto pode ser considerada o seu diferencial (GUTERRES; MELLO, 2014).

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2015) informou que cresceu a adesão dos produtores brasileiros ao mercado de orgânicos. Entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015, a quantidade de agricultores que optaram pela produção orgânica passou de 6.719 para 10.194, um aumento de 51,7%. As regiões onde há mais produtores orgânicos certificados são o Nordeste, com pouco mais de 4 mil, seguido do Sul com 2.865 e Sudeste com 2.333. As Unidades de Produção<sup>1</sup> também tiveram um aumento significativo. Passaram de 10.064 em janeiro de 2014 para 13.323 em janeiro deste ano, um acréscimo de 32%. É

---

<sup>1</sup> As Unidades de Produção são estabelecimentos comerciais ou industriais, cooperativas ou órgãos públicos e qualquer ambiente onde se verifique a produção. A unidade de produção orgânica deve possuir documentos e registros de procedimentos de todas as operações envolvidas na produção. Todos os documentos e registros devem ser mantidos por um período mínimo de 5 (cinco) anos. Cada produtor orgânico pode ter mais de uma unidade de produção.

importante ressaltar que a região Nordeste é a que possui mais Unidades de Produção, com 5.228, seguido do Sul (3.378) e do Sudeste (2.228) (MAPA, 2015).

Campanhola e Valarini (2001) apontam cinco razões para o aumento expressivo na produção e no consumo de produtos ecologicamente diferenciados, como os alimentos orgânicos.

[...] A primeira é que este tenha partido dos próprios consumidores, preocupados com a sua saúde ou com o risco da ingestão de alimentos que contenham resíduos de agrotóxicos. A segunda razão é que a demanda tenha se originado do movimento ambientalista organizado, representado por várias ONGs preocupadas com a conservação do meio ambiente, tendo algumas delas atuado na certificação e na abertura de espaços para a comercialização de produtos orgânicos pelos próprios agricultores. A terceira seria resultado da influência de seitas religiosas, como a Igreja Messiânica, que defendem o equilíbrio espiritual do homem por meio da ingestão de alimentos saudáveis e produzidos em harmonia com a natureza. A quarta razão para o aumento da demanda por produtos orgânicos teria como origem os grupos organizados contrários ao domínio da agricultura moderna e o quinto motivo seria resultado da utilização de ferramentas de “marketing” pelas grandes redes de supermercados, por influência dos países desenvolvidos, que teriam induzido demandas por produtos orgânicos em determinados grupos de consumidores.

Para Nierdele e Raulet (2014), a expansão da agricultura orgânica no Brasil está pautada em três mudanças principais:

O reconhecimento inédito dos sistemas de produção de base ecológica no âmbito do Estado e, portanto, o direcionamento de políticas públicas específicas para o segmento; a entrada em cena de novos atores em diferentes elos das redes de produção, comercialização e assessoria; e uma reformulação substancial do arranjo normativo, com a criação de novos mecanismos de controle e a ampliação da ação dos organismos certificadores.

Diante do grande interesse e dos muitos gargalos inerentes à cadeia da produção orgânica foi lançado recentemente pela Presidência da República o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO).

O Plano objetiva articular e implementar programas e ações indutoras da transição agroecológica, da produção orgânica e de base agroecológica, como contribuição para o desenvolvimento sustentável, possibilitando à população a melhoria de qualidade de vida por meio da oferta e consumo de alimentos saudáveis e do uso sustentável dos recursos naturais (MDA, 2013).

De acordo com o MAPA para ser considerado orgânico, o produto deve ser produzido em um ambiente de produção orgânica, onde se utiliza como base do processo produtivo os



princípios agroecológicos que contemplam o uso responsável do solo, da água, do ar e dos demais recursos naturais, respeitando as relações sociais e culturais (BRASIL/MAPA, 2013). Os alimentos orgânicos são regulamentados no Brasil pela Lei Federal nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, e pelo Decreto 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Essa Lei teve sua formulação baseada no conceito de agroecologia.

Define-se sistema orgânico de produção como

[...] aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente (BRASIL, 2003, p. 01).

Wilkinson (2008, p. 142) chama a atenção que se formou um consenso, a partir dos anos 1990,

[...] que a agricultura familiar precisava desenvolver estratégias alternativas de acesso aos mercados, não apenas contra as ameaças de exclusão, mas, sobretudo, para gerar um “valor agregado” suficiente para enfrentar as novas condições de cidadania. Esses novos mercados passaram a ser pensados tomando como referência as características específicas da própria agricultura familiar: questões culturais, aspectos geográficos, a relação com a natureza, à valorização do território foram elementos que começaram a ser ressaltados para a diferenciação dos produtos desse segmento. Na sua visão, três temas inter-relacionados predominam nas tentativas de construção e consolidação dos mercados alternativos para a agricultura familiar: agroindústrias rurais/artesanais; mercados locais e mercados orgânicos/agroecológicos [...].

Campanhola e Valarini (2001) ressaltam que a agricultura orgânica vista como “nicho” de mercado constitui-se em boa alternativa de renda aos pequenos agricultores, pois, possui maior valor comercial em relação ao convencional. Por isso, a saída para os pequenos produtores parece ser o fortalecimento da exploração dos nichos no mercado local baseados em produtos diferenciados como os orgânicos.

Devido ao contato estabelecido entre produtor e consumidor nas vendas diretas, muitas demandas identificadas por certos produtos levam os agricultores a diversificarem naturalmente a sua produção no espaço e no tempo. A diversificação produtiva, incluindo a integração entre produção vegetal e animal no mesmo estabelecimento rural, auxilia na adoção dos

princípios agroecológicos, ao mesmo tempo em que confere ao pequeno agricultor maior estabilidade econômica, pois uma possível queda nos preços de alguns produtos pode ser compensada pela alta de outros.

Os mercados orgânicos/agroecológicos crescem na medida em que também se observa um aumento do questionamento ao modelo de produção e consumo vigente. Esses mercados, que buscam os espaços alternativos ao modelo convencional, criam novas formas de comercialização para o segmento da agricultura familiar e, em alguns casos, mostram a possibilidade de novas formas de relações entre produtores e consumidores.

[...] A denúncia dos riscos associados aos agrotóxicos e aos alimentos transgênicos, o crescimento das redes de comércio justo e de agricultura orgânica, a indignação dos consumidores frente à disseminação de doenças através dos alimentos, o fortalecimento da Agroecologia como abordagem sociotécnica, entre outras manifestações, fazem parte de um conjunto heterogêneo de ações e reações que, ao colocarem em questão as formas dominantes de produção e consumo, contribuíram para a politização das relações entre produtores e consumidores, conferindo também novos significados aos chamados mercados locais [...] (SCHMITT, 2011, p. 04).

A inserção da produção orgânica no âmbito da agricultura familiar pode trazer não só benefícios econômicos e sociais aos produtores, mas também referentes à qualidade de vida deles, bem como aos trabalhadores e consumidores (GUTERRES; MELLO, 2014).

Para Campanhola e Valarini (2001), a agricultura orgânica é também uma opção viável para a inclusão dos pequenos agricultores no mercado, pois este sistema de produção, além de outras características que o diferenciam do sistema de produção convencional, apresenta características de nichos de mercado e, portanto, visam atender a um segmento restrito e seletivo de consumidores, que tem disposição para pagar um sobrepreço por esses produtos, o que não acontece com as commodities agrícolas.

O Brasil vivencia uma fase na qual a agricultura familiar está inserida em um cenário de grande destaque, pois é uma das grandes responsáveis pela produção de alimentos no país, é o segmento de grande importância econômica e social no meio rural e tem sido o centro de discussões em diversas pesquisas (LEITE, 2014; COSTA; SILVA, 2012; SCHNEIDER, 2010). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) indicam que a agricultura familiar é responsável por empregar aproximadamente 80% das pessoas que trabalham no campo, representa 18% da população economicamente ativa do país e 84,4% do total dos estabelecimentos rurais, o que demonstra a importância da agricultura familiar para a

sociedade. O Nordeste do Brasil concentra o maior número de agricultores familiares, representando 50,1% do total nacional, no entanto, eles só ocupam 35,3% da área total. Esses dados mostram que a agricultura familiar utiliza os recursos produtivos de forma mais eficaz que os patronais, mesmo possuindo menor proporção da terra produzem e empregam mais do que os patronais.

A agricultura familiar possui algumas características que a diferencia das demais formas de agriculturas, como explica Lima e Leite (2014, p. 3):

A agricultura familiar é uma forma de produção agrícola onde a gestão e os trabalhos são realizados por familiares que conduzem os processos produtivos, sendo este eventualmente completado pelo trabalho assalariado, ou seja, é a própria família que toma conta de tudo.

Lima e Leite (2014, p. 5) destacam ainda que “dentre as formas de agriculturas existentes a agricultura familiar destaca-se pela diversidade de alimentos que produz e também pela geração de empregos no meio rural”.

A legislação brasileira define a agricultura familiar<sup>2</sup> de acordo com a Lei nº 11.326, de julho de 2006, que considera essa categoria em função do tamanho da propriedade, que seja utilizado na maior parte de suas atividades a mão de obra familiar, tenha sua renda originada da produção própria e apresente como gestor algum membro da família.

Considera-se que a agricultura familiar é o principal fornecedor de produtos orgânicos no Brasil, tais discussões salientam a importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural e para manutenção da segurança alimentar e nutricional dos brasileiros. De acordo com Terrazzan e Valarini (2009), cerca de 70% dos alimentos orgânicos produzidos no Brasil é proveniente da agricultura familiar.

Discutindo sobre a relação da agricultura familiar com a produção orgânica, Schmidt (2001, p. 63) argumenta que:

No Brasil, este tipo de produção pode ser considerado, fundamentalmente, como uma estratégia de resistência e permanência de agricultores familiares no campo, sendo que, no princípio, foi defendida principalmente por

---

<sup>2</sup> De acordo com a legislação brasileira, a agricultura familiar obedece as seguintes características: não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; e dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (artigo 3º).

organizações não governamentais A perspectiva de trabalhar a agricultura orgânica não como um fim em si, mas como um meio para a construção de um novo padrão de produção agropecuária e para a reconstrução da cidadania no campo.

Schneider (2009) define a agricultura familiar a partir de três elementos básicos:

[...] funcionamento, baseado predominantemente no uso da força de trabalho da família e de seus membros; persistência de “barreiras naturais” que continuam possibilitando a subsistência de relações de trabalho não assalariadas na agricultura; dependência da reprodução social, econômica, cultural e simbólica das formas familiares com relação ao ambiente e o espaço no qual estão inseridas.

Para Darolt (2013), a comercialização é um dos grandes entraves para inserção de pequenos agricultores no mercado da produção orgânica no Brasil.

[...] a opção pela agricultura industrial tem padronizado a cadeia alimentar e homogeneizado algumas paisagens rurais, e isso tem afetado pequenos agricultores que não podem competir com grandes produtores e importações em grande escala.

Segundo Campanhola e Valarini (2001), no Brasil, a comercialização de produtos orgânicos é feita por diferentes mecanismos, dentre os quais distinguem-se dois grupos principais. No primeiro situam-se as vendas no varejo (venda de entrega em domicílios, venda direta em feiras livres e em pontos de venda especializados), feiras de produtores, lojas de produtos naturais, restaurantes, mercados, escolas para o preparo de merenda, enquanto, no segundo, estão as vendas no atacado, onde se destacam as distribuidoras e redes de supermercados de produtos orgânicos. O movimento da agricultura orgânica sempre utilizou as diferentes possibilidades da venda direta para a comercialização dos produtos.

De acordo com o Censo Agropecuário 2006, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1,8% dos estabelecimentos rurais brasileiros são orgânicos. Do total de orgânicos, apenas 5,6% possui certificação. Dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) indicam um crescimento no número de produtores orgânicos. Em 2012, o Brasil contava com 5,5 mil produtores orgânicos. Em 2013, esse número passou para 6.719 produtores. Houve um crescimento também no número de organismos avaliadores.

[...] Os desafios e as oportunidades que esse cenário define para os agricultores familiares são significativos. Por um lado, eles se deparam com o aumento da demanda por produtos orgânicos e agroecológicos, o que tem incentivado processos de reconversão produtiva e organização social. A criação e consolidação de novas associações, grupos e redes é reflexo dessas mudanças e tem revelado a capacidade renovada de articulação dos

agricultores familiares com outros atores sociais para fazer frente às transformações em curso nesse mercado [...] (NIERDELE; ALMEIDA, 2013).

De acordo com Aragão (2006), com base nos dados do Censo Agropecuário do IBGE de 2006, os estados que mais se destacam na produção orgânica são Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Ceará, Paraná, Piauí e São Paulo, sendo que cerca de 40% das culturas permanentes concentram-se em somente dois estados: Bahia e Minas Gerais.

Olalde e Dias (2004) realizaram pesquisa sobre agricultura orgânica e agroecologia na Bahia e apontaram para um crescimento e interesse pela produção orgânica no estado, mas, apesar da falta de informações estatísticas públicas ou privadas do comércio de orgânicos, já assinalavam a existência de produtos orgânicos como: cacau, café, manga, caju, mamão, melão, maracujá, guaraná, cravo, morango e horticultura em geral, além de aguardente, leite e carne caprina e bovina.

A agricultura orgânica na Bahia está sendo impulsionada em diversas regiões e tem atraído considerável interesse dos produtores. Grande parte da produção de orgânicos destina-se ao mercado externo, outra parte é comercializada em lojas de produtos naturais e feiras, e apenas uma pequena parcela destina-se aos supermercados. Entretanto, o sistema de comercialização dos produtos ainda é pouco organizado, o que pode ser comprovado pelo baixo volume de produção, irregularidade da oferta e pouca variedade de produtos (OLALDE; DIAS, 2004).

Segundo Aragão (2006), o relativo atraso tecnológico da maioria dos estabelecimentos agropecuários do estado gerou, involuntariamente, uma agricultura próxima da agricultura orgânica. O uso de agroquímicos está concentrado em poucas regiões e considerando as demais áreas onde esse uso é baixo, parte da produção agrícola baiana obedece a padrões próximos da agricultura orgânica, diferenciando-se desta pela falta de certificação e baixo uso de fertilização orgânica.

Os principais produtos orgânicos encontrados na Bahia são: aguardente, cacau, café, cravo-da-índia, frutas, insumos, guaraná, guaraná em pó, hortaliças, maracujá e óleos essenciais (PLANETA ORGÂNICO, 2009).

Atualmente o município de Conceição de Jacuípe é considerado o maior produtor de orgânicos certificados do Nordeste. Seu cultivo é totalmente monitorado com a finalidade de produção livre de defensivos químicos. Problemas relacionados à saúde teriam sido causados pelo contato frequente com defensivos químicos usados na lavoura, fato que teria induzido

produtores a modificar sua forma de produção e iniciar o plantio de orgânico. Para os agricultores, os desafios de cultivar orgânicos são grandes e o retorno só vem depois de um tempo de adequação (GOMES, 2014).

[...] No estado da Bahia, existem mais de 350 produtores orgânicos cadastrados no MAPA. O Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos do MAPA não tem nenhum registro de produtor orgânico no Território do Recôncavo. Contudo, é possível encontrar grupos de agricultores (formais ou informais) que se consideram produtores orgânicos ou, pelo menos, afirmam produzir com baixo uso de insumos químicos. As características do Território do Recôncavo apontam para a importância da agricultura familiar, que representa 92% do total de estabelecimentos familiares, de acordo com as informações do Censo Agropecuário 2006 do IBGE. Os dados referentes ao Território demonstram um quadro de municípios pequenos, pouco populosos (com menos de 50.000 habitantes) e com uma densidade demográfica de menos de 100 habitantes/km<sup>2</sup>, indicando que são municípios com características predominantemente rurais [...] (ROCHA, PEREIRA e PEREIRA, 2014).

Particularmente no estado da Bahia, é relevante a necessidade de sistematização de conhecimentos sobre a agricultura familiar, possibilitando a identificação e a compreensão dos sistemas de produção com características que se aproximam da agricultura orgânica, sem a utilização de insumos químicos, com práticas agrícolas tradicionais.

#### **4. METODOLOGIA**

Para atender aos objetivos propostos, o trabalho foi apoiado no levantamento de dados primários e secundários, privilegiando um enfoque de pesquisa qualitativa. O universo empírico da pesquisa foi o Território do Recôncavo, unidade de planejamento do estado da Bahia.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, o Recôncavo era considerado a principal e mais importante região do país. Historicamente esta região é de grande importância socioeconômica e cultural para o estado da Bahia. Quando se fala em Recôncavo, geralmente, associa-se à imagem de uma imensidão de terras com extensos canaviais. Mas, a produção de açúcar não é um único destaque do histórico dessa região, havia uma diversidade agrícola que atendia a um mercado regional. Assim como a cana-de-açúcar, o fumo também obteve seu momento de auge na economia do Recôncavo (BOMFIM, 2006).

Nesse trabalho, considera-se Recôncavo o território de identidade<sup>3</sup> que é a unidade de planejamento do estado da Bahia. Localizado na região geográfica em torno da Baía de Todos os Santos, do estado da Bahia, o Território do Recôncavo ocupa uma área estimada em 6.613 km<sup>2</sup>, distribuídos em vinte municípios (Figura 1), com uma população de 576.672 habitantes e uma densidade demográfica de 110,45 habitantes/km<sup>2</sup>, de acordo com os dados do Censo Demográfico 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O Território de Identidade do Recôncavo é formado pelos municípios de Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antonio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passe, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

No Território do Recôncavo os agricultores familiares constituem a grande maioria e a participação na produção é expressiva. O Censo Agropecuário (IBGE, 2006) mostra que são 28.542 estabelecimentos agropecuários familiares, ocupando uma área de 110.068 hectares, representando 92% do total de estabelecimentos agropecuários familiares. Esses dados demonstram a importância da agricultura familiar no Território de identidade do Recôncavo da Bahia. A participação no Produto Interno Bruto (PIB) do Território do Recôncavo representou 4,2 % do PIB da Bahia no ano de 2012 de acordo com os dados da SEI.

---

<sup>3</sup>A abordagem territorial é uma estratégia de desenvolvimento, que agrupa municípios com semelhanças sociais, culturais, históricas, econômicas, geográficas etc., criada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir de 2003.

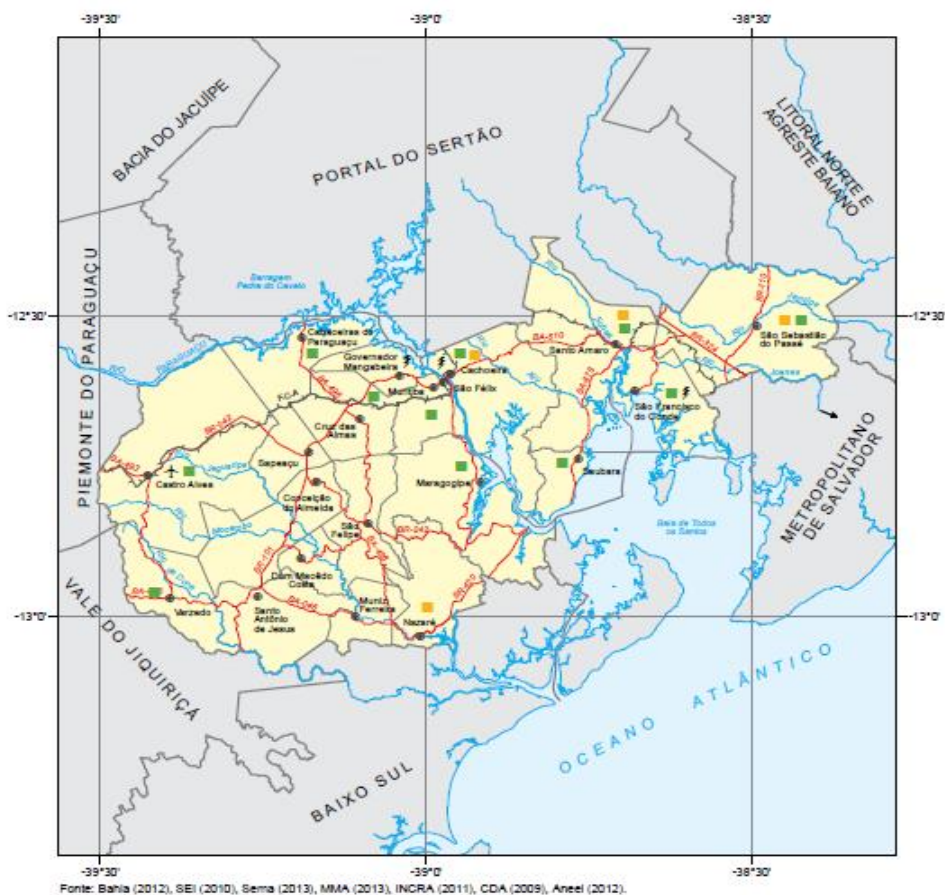


FIGURA 1 – Bahia: Território de Identidade Recôncavo.

Fonte. SEI/BA, 2013.

Os dados secundários foram coletados em instituições de pesquisa referência na temática do trabalho, tais como a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Os dados primários foram obtidos através da realização de entrevistas com representantes de organizações do Território do Recôncavo. A pesquisa de campo analisou as principais dificuldades da produção orgânica no Território do Recôncavo, a partir da identificação dos grupos (formais e informais) de produção orgânica. Para as entrevistas, o instrumento utilizado foi um roteiro de entrevistas, com questões básicas norteadoras relacionadas aos objetivos da pesquisa (Anexo A). Buscou-se obter informações sobre os seus processos de produção/comercialização e sobre as interações com outros grupos (ou organizações).



Dessa forma, foram realizadas entrevistas tanto com organizações que apoiam a agricultura orgânica quanto com organizações de produtores, com o objetivo de analisar a produção e a comercialização no Território do Recôncavo. Foram realizadas entrevistas com representantes da Associação dos Produtores Orgânicos do Recôncavo Baiano (APORBA), da Cooperativa da Agricultura Familiar do Território do Recôncavo da Bahia (COOAFATRE), do Movimento de Apoio a Agricultura Familiar e a Agroecologia (AGROVIDA) e da Fundação Mokiti Okada. Além disso, foi feita também uma pesquisa com os participantes da I Feira da Agricultura Familiar de São Felipe. A Feira ocorreu em maio de 2014 com a finalidade de ajudar os produtores a apresentar seus produtos, além de trocarem experiências, tanto no cultivo como na produção dos derivados.

A Associação dos Produtores Orgânicos do Recôncavo Baiano (APORBA) está localizada em Santo Antônio de Jesus, foi fundada em 20 de agosto de 2002, com o objetivo de promover atividades econômicas, sociais e culturais voltadas para a conservação e a preservação do meio ambiente, especialmente a partir do desenvolvimento da agricultura orgânica. Reunindo atualmente 41 associados, a APORBA tem como missão reduzir o uso de agroquímicos na agricultura local, com atuação principalmente nos municípios de Santo Antônio de Jesus e Conceição do Almeida. A APORBA possui importante papel no âmbito da produção orgânica no Território do Recôncavo uma vez que seu processo de formação envolve a preocupação com a produção de alimentos com melhor qualidade.

A Cooperativa da Agricultura Familiar do Território do Recôncavo da Bahia (COOAFATRE) surgiu da preocupação de agricultores com a falta de organização na comercialização dos produtos. A Cooperativa abrange os 20 municípios do Território, mas atua em apenas quatro: São Felipe, Marajogipe, São Felix e Cruz das Almas, com 25 comunidades associadas.

O Movimento de Apoio à Agricultura Familiar e à Agroecologia (AGROVIDA) é uma entidade civil, sem fins lucrativos, fundado em 12 de fevereiro de 2004 na então Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), atual Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O AGROVIDA é formado por estudantes das ciências agrárias, ambientais e biológicas, com participação dos discentes dos cursos de Agronomia, Biologia, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia Florestal, Engenharia de Pesca, Zootecnia, Tecnologia em Agroecologia e Tecnologia em Gestão de Cooperativas.

O grupo tem como objetivo desenvolver e experimentar metodologias participativas com professores, estudantes, agricultores familiares, técnicos e gestores rurais, inseridos no contexto da agricultura familiar e da agroecologia, utilizando práticas educativas que visam

contribuir para o desenvolvimento rural sustentável no estado da Bahia. Atualmente o AGROVIDA atua em dois territórios - o Recôncavo e o Baixo Sul -, com 480 famílias de agricultores familiares. No Território do Recôncavo atua principalmente nos municípios de Cruz das Almas, São Felix, Maragogipe, São Felipe e Santo Amaro.

A Fundação Mokiti Okada foi instituída em 19 de janeiro de 1971 como uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de Utilidade Pública Federal. Com atuação em todo o território nacional, desenvolve projetos que viabilizam a formação de uma sociedade harmoniosa e progressista. Tem como missão concretizar a trilogia Verdade-Bem-Belo da Filosofia de Mokiti Okada, a fim de criar o mundo ideal o Paraíso Terrestre.

Além das entrevistas realizadas, foi feita uma visita a I Feira da Agricultura Familiar de São Felipe onde foram realizadas conversas informais com os agricultores que participavam do evento, com base em um questionário semi-estruturado (Anexo B). A Feira aconteceu em maio de 2014, no centro da cidade, com a finalidade de ajudar os produtores a apresentar seus produtos, além de trocarem experiências, tanto no cultivo como na produção dos derivados. O evento foi promovido pela Secretaria de Agricultura do município, com o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), do Centro de Ciências Agrárias e Biológicas (CCAAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Banco do Nordeste (BNB) e das associações comunitárias do município. Em conversa informal com os 17 agricultores que participavam da Feira, buscou-se informações sobre a produção e as principais formas de comercialização dos seus produtos, bem como as dificuldades enfrentadas no processo produtivo.

Esta pesquisa insere-se em um quadro mais amplo de investigação, que tem como objetivo analisar as dinâmicas recentes nos espaços rurais do Território do Recôncavo, no estado da Bahia, a partir das configurações estabelecidas pelos atores da agricultura familiar.<sup>4</sup> Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa da discente financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFRB.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

<sup>4</sup> Projeto “Dinâmicas recentes nos espaços rurais do Território do Recôncavo: uma análise dos atores do desenvolvimento rural”, aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no qual a discente participou e desenvolveu o Trabalho de Conclusão de Curso.

A produção orgânica é vista como um nicho de mercado para a agricultura familiar, porém observa-se que diversos são os gargalos inerentes à inserção da produção familiar neste segmento, principalmente com relação à comercialização.

Para os produtores familiares do Território do Recôncavo, a comercialização é considerada uma das grandes dificuldades para inclusão da agricultura familiar no âmbito da agricultura orgânica na Bahia. Os espaços de comercialização ainda são reduzidos, o produtor conta apenas com as feiras livres e a venda em domicílios, por isso os atravessadores são vistos como um “mal necessário”, pois é a única garantia de escoamento do produto.

O presidente da APORBA relatou que a comercialização foi uma das dificuldades enfrentadas pelos associados quando iniciaram a produção orgânica.

[...] Quando nós começamos sentimos uma grande dificuldade como eu já lhe disse sempre na comercialização, e existe outro lado que nós produtores da agricultura familiar é como se fossemos aranha: ela vive do que tece então toda nossa produção é revertida em alimentos, na saúde em vestuário e se nós não ganharmos nada com a nossa produção a gente também não vai ter nem talvez uma alimentação adequada; então uma das coisas que eu sempre vou tá falando vou ser repetitivo que é escoar o nosso produto, a comercialização é o gargalo que nós temos, precisamos alavancar este processo e tirar este mal necessário que é o atravessador porque em alguns momentos ele consegue escoar o nosso produto, mas nós estamos sempre com o pires na mão [...].

Fato observado também por Viana e Stolf (2010), em pesquisa realizada na área da agricultura orgânica, evidenciando que produzir não é o maior problema enfrentado pelos agricultores e sim a falta de logística para as etapas de pós-produção. Sendo que, para se resolver os entraves existentes para o crescimento do mercado de orgânicos na Bahia e no Brasil faz-se necessário a adoção de políticas públicas adequadas ao fomento do setor, oferecendo melhores condições de produção e comercialização aos produtores. Este fato demonstra a necessidade de aumentar os espaços para discussão sobre a expansão da produção e da comercialização de orgânicos.

Para enfrentar as dificuldades na comercialização os agricultores familiares do Território do Recôncavo precisam criar alternativas de escoamento, para não perderem a autonomia deste novo mercado. O diretor da COOAFATRE ressaltou que se faz necessária à criação de espaços próprios para comercialização de produtos orgânicos oriundos da agricultura familiar, como por exemplo, a comercialização em redes,

[...] Dentro do Território nós não temos ainda espaço próprio da produção orgânica, se busca no Território ter a questão do mercado, hoje tem o mercado do produtor,<sup>5</sup> mas ele não é direcionado para produção orgânica, então dentro do Território nós não temos esse espaço. É necessário que os agricultores se organizem na questão da comercialização, através de cursos e projetos que venham melhorar a produção e também a comercialização em rede [...].

O presidente da APORBA enfatizou que a comercialização é um dos maiores problemas enfrentado pelos agricultores mesmo com as feiras que cada município possui que serve como ponto de venda para escoar a produção, a falta de investimentos nesta área desanima os produtores.

[...] A comercialização é o grande problema, hoje nós temos as feiras livres, alguns associados vendem nas feiras livres e essas feiras que são organizadas pelo município e pelo governo do estado que ajuda a escoar os nossos produtos então nós participamos de várias feiras, mas ainda não é o suficiente a produção orgânica pede mais tempo, mais cuidado do produtor e muitas vezes o produtor ele não tem onde vender seu produto e muitas vezes temos mais perda do que lucro e isso tudo acaba desmotivando o produtor [...].

Em estudo realizado por Pádua (2014) sobre produção e comercialização de produtos orgânicos pela agricultura familiar em Mato Grosso do Sul, constatou-se que a venda direta, através das feiras livres ou da venda em domicílio, é um mecanismo comumente utilizado pelos produtores orgânicos, caracterizando-se como um importante canal de acesso da agricultura familiar. Por meio da venda direta, o produtor poderá obter maior lucratividade por seu produto, já que dispensa a participação de intermediários neste processo, assim como o consumidor poderá obter os produtos a melhores preços, se comparado a grandes redes de comercialização convencional.

Para que os agricultores familiares do Território do Recôncavo possam comercializar seus produtos faz necessário o uso de estratégias e políticas públicas voltadas a apoiar os agricultores na produção orgânica. Observa-se que existe a necessidade de esforços de vários elementos que compõem esta cadeia, para que ocorram os efeitos desejados pelas políticas públicas, que resultem em reais benefícios aos produtores (PÁDUA, 2014).

---

<sup>5</sup> O Mercado do Produtor está localizado na BR-101 na localidade do Posto Águia, município de Governador Mangabeira, e oferece ao consumidor diversos produtos, dentre eles frutas (laranja, abacaxi, maracujá, melão, jaca, melancia) farinha de mandioca, beiju e outros produtos oriundos do campo. O Mercado representa a geração de renda para várias pessoas do município.

Uma das estratégias mencionadas nesta pesquisa pela APORBA foi a divulgação dos seus produtos em um site para produtos orgânicos. Para o representante da associação este site é uma importante ferramenta para escoar a produção e conquistarem autonomia.

[...] Com a divulgação no site da cirandas<sup>6</sup> vamos ter como divulgar o nosso produto quem sabe nós temos alguma proposta de criar uma cooperativa para poder fazer a comercialização e aí nós vamos evitar ainda mais o máximo que a gente puder o atravessador, não é que o atravessador seja tão mal, é um mal necessário porque se não fosse ele a gente não conseguiria escoar o nosso produto hoje, certo, mas nós precisamos ter uma condição melhor para ter uma qualidade de vida melhor[...].

Já os produtores da COOAFATRE contam com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) para escoar a produção.

[...] A maioria dos associados da COOAFATRE comercializa para o PAA e o PNAE. Mas nem todos os municípios do Território do Recôncavo já começou a fazer isso, o PAA mesmo só dois ou três municípios que está acessando esta política, existe uma falha por que os agricultores não conseguem acessar de uma forma mais fácil e mais prática, há essa dificuldade, então a política está aí pra melhorar e aqueles agricultores que acessam essa política estão melhorando porque a gente ver relatos [...].

A Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações (FNDE).

O PAA é um instrumento de política pública instituída em 2 de julho de 2003, tem por objetivo garantir o acesso aos alimentos em quantidade, qualidade necessária às populações em situação de insegurança alimentar e nutricional e promover a inclusão social no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar (MDS).

Para Santana (2012) os programas PAA e PNAE contribuem para o aumento da renda familiar dos agricultores familiares. Durante o período estabelecido em contrato essa é uma renda fixa que permite ao produtor maior segurança com relação ao recebimento.

---

<sup>6</sup> Cirandas é um projeto da FBES Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Site voltado para divulgação de produtos da agricultura familiar, artesanatos, agroecológico, comércio justo e solidário, orgânicos certificados por auditoria e autodeclarado.

A falta de certificação também foi observada como um dos limitantes para o fortalecimento da agricultura orgânica no Território do Recôncavo, visto que para ser considerado produtor orgânico é necessário que os produtores rurais passem a se adaptar às regras desse mercado, como por exemplo, precisa ser produzido de acordo com as normas estabelecidas na agricultura orgânica, assim como obter uma certificação que assegure essas condições, o que agrega ainda mais valor ao produto. Ainda que existam alguns mecanismos de avaliação que conferem a conformidade orgânica à produção, o índice de propriedades certificadas na Bahia é baixo. A legislação brasileira abriu uma exceção na obrigatoriedade de certificação dos produtos orgânicos para a agricultura familiar com relação ao controle social na venda direta. Exige-se, porém, o credenciamento em uma organização de controle social cadastrado em órgão fiscalizador oficial. Com isso, os agricultores familiares passam a fazer parte do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos (ORGANICSNET, 2015).

De acordo com o levantamento de Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos do MAPA realizado em novembro de 2014, existem na Bahia 381 produtores certificados, cuja certificação foi realizada por meio do Instituto Biodinâmico (IBD Certificações) e por uma Organização de Controle Social (OCS). A Organização de Controle Social pode ser formada por um grupo, associação, cooperativa ou consórcio, com ou sem personalidade jurídica, de agricultores familiares. Mas para que este grupo de produtores familiares seja reconhecido como OCS é necessário que estejam organizados e possuam entre si uma relação de comprometimento e confiança.

A ausência de certificação é característica marcante dos agricultores do Território do Recôncavo: nenhum dos produtores familiares possui certificação de produtor orgânico, estes dados mostram que há necessidade de ampliar a certificação, uma vez que a agricultura orgânica constitui-se em boa alternativa de renda aos agricultores familiares.

Mesmo com esforços das organizações em busca de certificar os produtores, esta conquista ainda parece difícil, em função de vários motivos. Observa-se que a ausência da certificação pode estar atrelada aos processos burocráticos e ao alto custo que tornam inviáveis a aquisição da certificação dos produtores, que acabam excluídos deste processo.

Em uma de suas falas, a representante do AGROVIDA mencionou o empenho e desejo da sua organização na tentativa de certificar os produtores familiares,

[...] O AGROVIDA acompanha agricultor que produz orgânico, mas não tem selo de orgânico, aqui no Recôncavo, já estamos discutindo aqui no Território como conseguir o selo da agricultura familiar ou o de orgânico para os produtores. O Recôncavo tem um grande potencial para estar

produzindo orgânico, além de ter uma flora rica que pode estar sendo utilizada para controles biológicos de pragas e doenças, diminuir o uso de agrotóxico e também estar utilizando a compostagem, adubos orgânicos. Mas é como eu falei, tem muita família para poucas entidades estar acompanhando, pois não tem como você fazer um trabalho sem acompanhar, deve ser um trabalho contínuo e acompanhar o máximo de famílias possíveis [...].

A Fundação Mokiti Okada já atuou na certificação de produtores na Bahia. Em levantamento realizado por Olalde e Dias (2004), foi observado que em 2002 existiam na Bahia 10 produtores certificados e 20 em conversão pela Mokiti Okada.

Atualmente a Fundação Mokiti Okada não trabalha com certificação no estado da Bahia. O representante da Fundação, em entrevista para esta pesquisa, relatou que desde 2010 a Mokiti Okada não fornece este serviço de certificação por causa de mudanças no ministério da agricultura, somente o IBD faz a certificação.

[...] infelizmente o agricultor que não tem condições para bancar os custos da certificação fica sem, já a Mokiti Okada cobrava apenas 50 reais para certificar os produtores [...].

Em análise semelhante, com produtores da APORBA, Santana (2012) constatou que a certificação dos produtos seria uma forma de garantir que a produção está realmente submetida aos critérios estabelecidos pelas normas que regulamentam esse tipo de produção, entretanto, a organização ainda não tem condições financeiras para resolver essa questão.

Com relação ao potencial do Território para a produção de orgânicos, acredita-se que o Recôncavo tem potencial para produção orgânica, levando-se em consideração as características e formas de manejo da agricultura familiar da região, que se aproximam de um sistema orgânico de produção.

Muitos dos agricultores familiares do Território do Recôncavo consideram-se orgânicos, pelo fato de não utilizarem defensivos e adubos químicos, e utilizarem esterco animal e compostagem na adubação das lavouras. Fato observado entre os agricultores familiares de São Felipe que se declararam orgânicos porque não utilizam insumos químicos.

O uso de insumos provenientes da própria propriedade como, por exemplo, preparo de compostos para adubação com restos de capina e dejetos orgânicos, preparação de receitas caseiras à base de plantas para controle de pragas e doenças, tem sido uma importante ferramenta para viabilizar a produção orgânica da agricultura familiar, pois tem reduzido a dependência de insumos externos, tornando a produção menos onerosa para os produtores.

De acordo com o Censo Agropecuário<sup>7</sup> 2006 do IBGE, 82% dos estabelecimentos no Território do Recôncavo não utilizam insumos químicos, fazendo uso de práticas alternativas na adubação, e no controle de pragas e doenças como uso de compostos orgânicos, biofertilizantes, adubação verde, controle biológico, queima de resíduos agrícolas e de restos de culturas e uso de caldas.

O presidente da APORBA demonstrou preocupação ao mencionar que alguns dos associados ainda utilizam agroquímicos, tendo em vista que a Associação prioriza produtos limpos livres de insumos químicos,

[...] É esse o problema, tem alguns associados que ainda utilizam agroquímicos, nós não podemos mudar radicalmente porque afinal de contas o pessoal depende da produção dele e a produção orgânica é uma produção vantajosa, é uma produção que se ela tiver o mercado ela tem um renda boa, porém ela também tem uma preocupação maior porque exige de mais artifícios do produtor para combater as pragas e por isso tem uma perda maior, mas aos poucos a gente vai conseguindo produzir até chegar a nossa autosuficiência com o adubo, com a compostagem que inicialmente é complicado, mas a gente vai aos poucos chegando até lá, então nós poderemos considerar nosso produto não cem por cento orgânico, mas um produto limpo [...].

Os principais produtos orgânicos do Território do Recôncavo identificados nesta pesquisa foram hortaliças, chips de banana<sup>8</sup> e a araruta, essa última considerada o carro chefe da APORBA,

[...] A araruta ela é da região o pessoal antigo usava muito, mas, devido à facilidade de encontrar hoje o amido de milho, o amido de trigo e o próprio amido da mandioca o pessoal foi esquecendo a araruta; nós estamos resgatando a produção da araruta a mais ou menos seis anos, porque descobrimos que ela tem um valor nutricional bom e pode ajudar também em algumas enfermidades, agora dentro desse ano vamos estar desenvolvendo vários produtos a base de araruta[...].

---

<sup>7</sup>A pesquisa do censo agropecuário definiu como sistema orgânico os estabelecimentos nos quais foram adotadas práticas de produção agropecuária que não utilizassem insumos artificiais (adubos químicos, agrotóxicos, organismos geneticamente modificados pelo homem - OGM ou outros), ou outra medida para conservação dos recursos naturais e do meio ambiente. Investigou-se também se a produção agropecuária era orgânica e se o estabelecimento era certificado como tal, ou se ainda estava em processo de certificação como unidade de produção orgânica. Não se considerou como agricultura orgânica, o sistema de produção em que o produtor, apesar de não usar adubos químicos e agrotóxicos, não tinha interesse ou desconhecia as técnicas específicas exigidas pelas instituições certificadoras de produtos orgânicos.

<sup>8</sup>O chips de banana é uma espécie de petisco feito de banana da terra verde frita no óleo vegetal. Os produtores da APORBA começaram a produzir o chip de banana quando viram pela primeira vez em um evento agropecuário, desde então começaram a produzir, expor em feiras e surgiram vários pedidos.



Santana (2012, p. 66) também constatou que a araruta é um importante produto da APORBA, considerada pelos produtores como carro chefe da associação e que traz muitas possibilidades e lucratividade para os agricultores porque existe muita procura pela fécula por não possuir glúten. “A associação também faz um trabalho de divulgação dessa cultura na região”.

Os agricultores que participaram da I Feira de Agricultura Familiar de São Felipe afirmaram que produzem principalmente hortaliças, mandioca, inhame, milho, citros e banana, e consideram que são produtos orgânicos. Conforme Rocha, Pereira e Pereira (2014) em pesquisa realizada com agricultores familiares de São Felipe constataram que 73% dos entrevistados consideram sua produção orgânica pelo fato de não utilizarem adubação química, sendo a produção bastante diversificada predominando mandioca, aipim e inhame, produtos típicos do Território, e embora afirmem que a sua produção é orgânica, nenhum dos agricultores têm certificação.

Silva e Costa (2012), com base nos dados da Produção Agrícola Municipal (IBGE, 2013) indicam que a agricultura é a principal atividade econômica do município de São Felipe, e a produção da araruta tem sido destaque na produção orgânica, com a revitalização desta cultura, o município já se destaca como o maior produtor de araruta do estado da Bahia.

A diversificação na produção é atributo da agricultura familiar, além da manutenção do equilíbrio ecológico garante a renda dos produtores diante de adversidades climáticas, além da oferta de variados produtos ao consumidor.

Neste estudo realizado no Território do Recôncavo, foram observadas muitas dificuldades apontadas como limitantes para o estabelecimento da produção orgânica no âmbito da agricultura familiar. Diante de todos os obstáculos, o representante da Mokiti Okada no Nordeste argumentou ainda que, além da falta de produtos, a visão imediatista de alguns produtores é mais um desafio para se estabelecer um sistema orgânico que exige mais tempo e dedicação.

[...] Existe a dificuldade do produtor bancar sua produção e atender a demanda do mercado. Faltam produtos, principalmente frutas, e o vício do imediatismo impede que os produtores tenham interesse em produzir alimentos naturais [...].

O apoio de organizações governamentais e não governamentais é necessário para contribuir no fortalecimento da produção, comercialização e agregação de valor aos produtos da agricultura familiar. As principais entidades citadas como parceiras do Território pelas

organizações entrevistadas foram: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

A Embrapa Mandioca e Fruticultura têm desenvolvido projetos voltados para agricultura orgânica, além de participar do projeto “Contribuição do manejo do solo e da biomassa em sistemas orgânicos de produção para o fortalecimento da economia verde no Brasil”, liderado pela Embrapa Agrobiologia (Seropédica, RJ) com atividades, desde manejo do solo, seleção de variedades para o sistema orgânico, como também manejo de nematoides e qualidade sensorial de frutos.

Sob a liderança da Embrapa Mandioca e Fruticultura estão sendo conduzidos os projetos: “Desempenho e manejo fitotécnico de variedades de abacaxi em sistema orgânico de produção” e “Captação e uso de água em sistemas produtivos orgânicos adaptados à agricultura familiar do semiárido da Bahia” com atividades sendo executadas pelos pesquisadores da Unidade. Outro projeto é de “Quintais agroflorestais dinâmicos e agroecológicos para aumento da segurança alimentar e renda de agricultores familiares” (QuintalSAN), que tem foco totalmente agroecológico e objetiva desenvolver junto a agricultores familiares desenhos ou arranjos de quintais agroflorestais abrangendo o cultivo de mandioca e fruteiras tropicais com equilíbrio fitossanitário nos cultivos e qualidade do solo, visando à melhoria no rendimento e proporcionando segurança alimentar e aumento de renda da família.

O presidente da APORBA salientou a importância das parcerias no processo de comercialização dos produtos e apoio aos projetos, além da capacitação dos produtores e dos patrocínios em eventos.

[...] A EMBRAPA, SEBRAE e EBDA são importantes parceiros nosso, porque na medida do possível tem nos ajudado todas as vezes que recorremos a eles trazem uma solução, o SEBRAE tem ajudado dando curso de capacitação, a EBDA vem fazendo um projeto na área de projeto SAF<sup>9</sup> para se plantar consorciado, é uma das coisas que vem avançando porque reduzem pragas das nossas lavouras, e a EMBRAPA não é aquele parceiro que vem até nós, porque às vezes ela não sabe das nossas necessidades, mas quando nós vamos até ela, ela tem nos ajudado, na medida do possível tem nos ajudado [...].

---

<sup>9</sup> Sistemas agroflorestais são formas de uso ou manejo da terra, nos quais se combinam espécies arbóreas frutíferas e/ou madeireiras com cultivos agrícolas e/ou criação de animais, de forma simultânea ou em sequência que promovem benefícios econômicos e ecológicos. Os sistemas agroflorestais ou agroflorestas apresentam como principais vantagens a fácil recuperação da fertilidade dos solos, o fornecimento de adubos verdes, o controle de plantas espontâneas.

A representante do AGROVIDA também destacou importantes ações desenvolvidas pelas organizações de apoio,

[...] O AGROVIDA hoje tem parceria com a EBDA com a questão de emissão de DAP principalmente, no caso de Cruz das Almas só a EBDA emite a DAP, as famílias que são acompanhadas pelo AGROVIDA devem possuir DAP, parceria de informação que a EBDA disponibiliza técnicos. Tem a parceria com a Coordenação do Colegiado do Território, além do AGROVIDA fazer parte dessa coordenação, ainda tem a parceria de disponibilizar veículos. Tem também a parceria CESOL<sup>10</sup> para que possa desenvolver as atividades em conjunto. Tem o Agroamigo para que eles possam acessar o PRONAF B somente pelo Banco do Nordeste [...].

## 6. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada aponta uma tendência dos agricultores para a produção orgânica. Há necessidade de melhorar a estrutura das cadeias produtivas e desenvolver formas adequadas para os agricultores familiares permitindo a melhoria da produção.

As principais dificuldades para inserção dos agricultores familiares do Território do Recôncavo no âmbito da produção orgânica são a falta de espaços de comercialização, a ausência de certificação, além da falta de articulação entre os agricultores que dificultam o fortalecimento da agricultura familiar. Existem também dificuldades relacionadas aos manejos adotados, como dificuldades no controle de pragas e doenças e adubação da plantação.

Observa-se que a interação existente entre as organizações que desenvolvem (ou apoiam) uma agricultura que se aproxima da produção orgânica ainda é deficiente. Uma melhor articulação poderia favorecer os processos de produção e consumo, contribuir para o avanço da produção orgânica e o fortalecimento dos agricultores familiares.

---

<sup>10</sup> O Centro Público de Economia Solidária é um espaço multifuncional público, de caráter comunitário, que se destina a articular oportunidades de geração, fortalecimento e promoção do trabalho coletivo baseado na economia solidária. Consistem em estruturas criadas e mantidas por meio de parceria entre o poder público e a sociedade civil organizada. O Cesol é um importante instrumento para a consolidação de uma política pública transversal para a economia solidária na Bahia, convergindo diversas ações de formação, assistência técnica, divulgação, comercialização, crédito, expressão cultural e articulação social e política do movimento de economia solidária.

As formas de produção e comercialização ainda estão pouco organizadas, os produtores em geral contam apenas com as feiras livres para venda e não existe regularidade na produção em muitos casos por falta de investimentos, consequência da ausência de capital de giro apontada como limitante para aumento da produção. Muitos agricultores são descrentes em relação às possibilidades desse mercado e não têm informação para estimular os investimentos na produção orgânica.

A ausência de certificação é característica marcante dos produtores familiares do Território do Recôncavo da Bahia, as exigências e os custos restringem as possibilidades de entrada dos agricultores no mercado da produção orgânica.

Esse trabalho buscou analisar a produção orgânica no Território do Recôncavo, buscando entender o potencial existente e as dificuldades dos agricultores familiares. O conhecimento dessa realidade é importante para pensar medidas e estratégias de fortalecimento desse segmento com base na produção orgânica. Apesar do potencial desse nicho de mercado, os desafios são enormes para os agricultores.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, G. Exportações do agronegócio baiano e os produtos orgânicos, *Bahia Agrícola*, v. 7, n. 2, p. 53-58, 2006.

BOMFIM, M. V. P. A rede urbana do Recôncavo Baiano e seu funcionamento técnico, 2006. 119 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

BRASIL. Lei n. 10.831, de 23 de dezembro de 2003. *Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências*. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.831.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.831.htm)>. Acesso em: 29 mai. 2014.

CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 18, n. 3, p. 69-101, 2001.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A; ALMEIDA, L.; VEZZANI, F. M. (Orgs.).

*Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013.

FNDE. Alimentação escolar. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/alimentacao-escolar/alimentacao-esco>. Acesso em 15 de Abril de 2015.

GOMES, L. Berimbau é o maior produtor de orgânicos do Nordeste. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/reverso/2014/02/24/berimbau-e-o-maior-produtor-de-organicos-do-nordeste/>. Acesso em: 14 de Abril de 2015.

GUTERRES, L. P; MELLO, N. Mecanismos de garantia da qualidade orgânica como ferramentas para a comercialização dos produtos na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, *Anais*:Goiânia:Sober,2014.

IBGE. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/LEI nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: <<a href=)>. Acesso em: 02 de julho 2014.

LIMA, A. F. A; LEITE, W. J. F. Agricultura familiar e as feiras livres. Estudo de caso na feira do produtor rural em Tangará da Serra MT. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, *Anais*: Goiânia: Sober, 2014.

MAPA 2015. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2015/03/numero-de-produtores-organicos-cresce-51porcento-em-um-ano>. Acesso em: 25 de Março de 2015.

MENDES, L. N.; GARRIDO, M. S.; OLALDE; A. R. A importância da cultura do inhame para agricultura familiar em Maragogipe – BA. *Magistra*, Cruz das Almas - BA, v. 17, n. 1, p. 09-14, jan./abr. 2005.

MDS. Programas de Aquisição de Alimentos. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/seguranca-alimenta>. Acesso em 15 de Abril de 2015.

NIEDERLE, A. P. Construção social de mercados e novos regimes de responsabilização no sistema agroalimentar. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*, v. 10, n. 2, 2013, p.4-7.

NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. A. nova arquitetura dos mercados para produtos orgânicos: o debate da convencionalização. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L. de; VEZZANI, F. M, (Orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013.

OLALDE, A. R.; ALMEIDA, D. G. de; DIAS, B. de O. Agricultura orgânica e agroecologia: construindo caminhos para o desenvolvimento rural sustentável na Bahia. In: BAIARDI, A.; OLALDE, A. R.; SOLEDADE, P. G. N.. A dimensão cultural, institucional, educacional e a interdisciplinaridade no desenvolvimento local sustentável. Cruz das Almas/BA: UFBA/Escola de Agronomia/Programa de Pós Graduação em Ciências Agrárias, 2003.

ORGANICSNET. Notícias. Disponível em: <http://www.organicsnet.com.br/certificacao/manual-certificacao/>. Acesso em: 24 de abril de 2015.

PADUA, J. B. Produção e comercialização de produtos orgânicos pela agricultura familiar em Mato Grosso do Sul. 2014. 62 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Grande Dourados – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Dourados – MS. 2014.

PORTAL ORGÂNICO. Notícias, [20--]. Disponível em: <[http://www.portalorganico.com.br/sub/40/selo\\_organico](http://www.portalorganico.com.br/sub/40/selo_organico)>. Acesso em: 02 de junho 2014.

ROCHA, A. G. P; PEREIRA, D. S; PEREIRA, E. G. Redes locais de produção e agricultura familiar: o potencial dos mercados alternativos. XIII Seminário Internacional da Rede Iberoamericana de Pesquisadores. *Anais*. Salvador (2014).

SANTANA, M.S. A. *Associativismo e agricultura orgânica: uma análise sobre a trajetória da Associação dos Produtores Orgânicos do Recôncavo baiano*. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2012.

SCHMIDT, W. Agricultura Orgânica: entre a ética e o mercado? *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre: v. 2, p. 62-73, jan/mar 2001.

SCHMITT, C. J. Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos. *Revista Agriculturas: experiências em Agroecologia*, AS-PTA, v. 8, n. 3, p. 4-8, set. 2011.

SCHNEIDER, S. *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 2. ed.

SCHNEIDER, S. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Revista de Economia Política*. v. 30, n. 3, p. 511-531, jul.-set . 2010.

TERRAZZAN, P.; VALARINI, P. J. Situação do mercado de produtos orgânicos e as formas de comercialização no Brasil. *Informações Econômicas*, v. 39, n. 11, 2009.

VIANA, L. G.; STOLF, R. Desenvolvimento da agricultura orgânica no município de Mata de São João e o Núcleo JK. *Sociedade e Desenvolvimento rural (online)*, v. 4, nº 2, p. 103-113, set. 2010.

## ANEXOS

### ANEXO A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA AS ORGANIZAÇÕES DE APOIO

Data da entrevista:

<b>Identificação</b>
Nome do (a) entrevistado (a)
Função
Contato (email e telefone)
<b>Caracterização da organização (<i>resgatar um breve histórico da organização: criação, objetivos, áreas de atuação, público-alvo etc.</i>)</b>
Nome
Objetivos / missão.
Público-alvo
Área de atuação (municípios / comunidades)
Principais ações/projetos desenvolvidos
Participa de alguma instância coletiva (conselhos, fóruns, federações, redes etc.)? Se sim, qual?
<b>Visão sobre agricultura familiar</b>
Cite três características principais da agricultura familiar do Território.
Quais as principais dificuldades da agricultura familiar no Território?
Qual a sua visão sobre as políticas direcionadas para a agricultura familiar?



**Em sua opinião, qual a importância da agricultura familiar para o desenvolvimento do Território?**

**As organizações do Território**

**Quais os seus principais parceiros no Território? (cite, no máximo, três organizações e o tipo de parceria).**

**A sua organização tem parcerias ou relações com organizações externas ao Território? Se sim, quais são as organizações? (cite, no máximo, três)**

**Dentre as organizações do Território, quais têm uma atuação importante no espaço rural? (cite no máximo, três).**

**Em sua opinião, o Território tem características predominantemente rurais ou urbanas?**

**Produção e comercialização**

**Quais os principais produtos da sua organização?**

**Visão sobre produção orgânica**

**Na visão da sua organização, quais as principais dificuldades para o fortalecimento da produção orgânica no Território do Recôncavo?**

**Nos últimos anos, o que avançou no estado da Bahia no campo da produção orgânica?**

**Quais os espaços de comercialização existentes para os agricultores do Território?**

**Qual o potencial do Território do Recôncavo para a produção de orgânicos?**

**ANEXO B**

<b>Nome</b>
<b>Contato</b>
<b>Endereço</b>
<b>Utiliza Insumo químico</b>
<b>Faz algum tipo de adubação orgânica</b>
<b>Considera-se orgânico? Por quê?</b>
<b>Por que optou em produzir orgânico?</b>
<b>Desde quando produz orgânico?</b>
<b>O que produz?</b>
<b>Tem alguma certificação? Por quê?</b>
<b>A produção é para o mercado ou auto-consumo?</b>

**Como é realizada a venda dos produtos?**

**Quais as principais dificuldades que enfrenta?**

**Possui algum vínculo com alguma associação ou cooperativa?**

**Participa de algum programa do Governo?**

**Já recebeu algum financiamento de um banco?**

**Recebe ou já recebeu alguma assistência técnica?**